

# MATA ATLÂNTICA DEVASTADA

Satélite ambiental Landsat mede a destruição do verde

Os últimos remanescentes da mata atlântica no Rio de Janeiro estão sendo destruídos a um ritmo acelerado, segundo levantamento feito com auxílio do satélite ambiental Landsat pela Fundação S.O.S. Mata Atlântica. Entre 1985 e 1990, 30.579 hectares de floresta foram derrubados. Algumas áreas desmatadas e abandonadas, agora em recuperação, também foram observadas, mas, somadas, elas chegam apenas a 2.729 hectares.

"Nós não sabemos exatamente em que condições estão essas áreas recuperadas. Elas aparecem nas imagens apenas como capociões altos", cometa a coordenadora do estudo, a geógrafa Diana Sarita Hamburger, da SOS Mata Atlântica.

O levantamento inclui toda faixa litorânea originalmente ocupada pela Mata Atlântica, restingas e mangues. A área total desmatada entre 85 e 90 corresponde a 0,7% do território fluminense. Conforme o presidente da SOS Mata Atlântica, Roberto Klabin, o estudo é a primeira etapa de um estudo mais amplo do atlas brasileiro dos remanescentes de mata atlântica, editado em 1990. Esse primeiro atlas mostrava a destruição de toda mata atlântica na escala 1:1.000.000. O atual detalhamento é na escala 1:250.000, permitindo melhor definição dos desmatamentos.



Mata atlântica: satélite detecta destruição.

O custo total do estudo, da Bahia ao Rio Grande do Sul, será de 300 mil dólares e os recursos foram obtidos junto a três empresas privadas: Klabin Papel e Celulose, Metal Leve e Bradesco. As imagens de satélite foram fornecidas pelo Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais, INPE, e processadas pela Imagem, uma empresa especializada de São José dos Campos. O primeiro exemplar acabado do atlas será entre-

gue hoje ao governador Leonel Brizola, no Palácio Guanabara.

De acordo com Diana Hamburger, um dos problemas mais graves observados no Rio é a transformação dos remanescentes de floresta em ilhas. "Os desmatamentos mais intensos neste período ocorreram em fragmentos de floresta e não em áreas contínuas, como a Serra do mar". Ela cita o exemplo da mata de restinga entre Macaé e Rio das

Ostras, junto à BR-101, e áreas de floresta de transição, próximas ao Parque do Desengano, no Norte do estado. Ali os fragmentos de floresta maiores foram derrubados ou ainda mais fragmentados, tendo restado apenas pequenas ilhas de mata cercadas de áreas ocupadas, sem continuidade.

Essa fragmentação é, na verdade, uma destruição muito mais séria do que o simples desmatamento contínuo, pois compromete a fauna nativa mesmo onde as ilhas de mata permanecem intactas. Estudos realizados na Amazônia e em ilhas de mata no oeste paulista provam que o isolamento de um pequeno trecho de floresta tropical, em meio a fazendas ou núcleos urbanos, tem grande impacto sobre a diversidade de espécies e sobre a diversidade genética dos animais isolados.

Isso quer dizer que a maior parte da fauna ilhada não tem chances de sobreviver por muitas gerações, mesmo que sobreviva ao desmatamento e mesmo que não seja diretamente molestada pelos moradores vizinhos. A ilha de mata se torna pequena demais para o grupo de animais ilhados e, então, eles tendem a migrar para outros locais; contaminam-se com agrotóxicos; matam-se uns aos outros pela comida ou para de se reproduzir.

Liana John/AE

## Rio-92: a ameaça do dióxido de carbono.

REUNIÃO PREPARATÓRIA TERMINA SEM ENTENDIMENTO

A última reunião preparatória para a Rio-92 terminou sexta-feira com sabor de fracasso e uma ameaça: a Comunidade Européia pode voltar atrás na redução das emissões de dióxido de carbono, o CO<sub>2</sub> — principal gás causador do efeito estufa.

Os Estados Unidos, país que mais emite CO<sub>2</sub>, não concordam em fixar as emissões do gás. Os demais países desenvolvidos, desde o início das negociações,

concordaram em chegar ao ano 2000 com o mesmo nível de emissões de 1990. Essa é a proposta do documento Convenção de Mudanças Climáticas, um acordo internacional para limitar a emissão dos gases que estão alterando o clima do planeta.

Com a recusa dos Estados Unidos, a Comunidade Européia ameaça mudar de idéia. Os países europeus temem perder o

poder de concorrência no mercado internacional.

A inflexibilidade dos negociadores norte-americanos também prejudicou o acordo da Agenda 21, um documento que pretende estabelecer o padrão de comportamento, com relação ao meio ambiente, de todos os países até o fim do século 21. Para isso, os países em desenvolvimento pedem dinheiro (US\$ 125 bilhões) aos países de-

desenvolvidos. Os Estados Unidos não se comprometeram a contribuir.

O secretário das Nações Unidas para a Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento, Maurice Strong, declarou, entretanto, que não está desanimado e disse que os governos só costumam tomar posições definitivas nas etapas finais de negociações. Ou seja: grandes decisões, só na Rio-92.